

NARRATIVAS PARA ENSINAR-APRENDER A AMAZÔNIA: UMA CONTRIBUIÇÃO À EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS DIVERSOS

Maria de Jesus da Conceição Ferreira Fonseca*
Luiza Nakayama**

RESUMO: Na Amazônia, a relação do homem com a floresta, rios, roçados, ervas e seus usos, entre outros, possibilita a construção de um sistema cultural singular - a cultura amazônica - que tem no ambiente rural, especialmente ribeirinho, sua expressão mais tradicional. Este texto apresenta e discute saberes, dizeres e fazeres próprios da cultura amazônica e oriundos da educação do povo: sem classe de alunos, sem livros e sem professor que, quando considerados, podem servir como referência às práticas inovadoras de educação, especialmente de Educação Ambiental. Nessa perspectiva, a cultura cabocla e a educação do povo, quase sempre, relegadas à condição de inferior, foram analisadas nos seus saberes e práxis e como possibilidade de estabelecer elos entre uma educação da cultura e do ambiente. Neste caminho, as instituições de ensino superior da região são apontadas como importantes lideranças na construção desse processo, especialmente pela oportunidade que têm de congregar parceiros diversos, recursos e conhecimentos acumulados.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Educação ambiental. Cultura. Amazônia.

* Doutora em Ciências Biológicas (UFPA). Professora do Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará, atuando na linha de pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Rua do Una, nº 156 - Belém - Pará - Brasil - 66.113-200 - Telégrafo. E-mail: mariadejesusff@yahoo.com.br

** Doutora em Ciências Biológicas (UFPA). Professora do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Federal do Pará, atuando na linha de pesquisa: Educação Ambiental e Formação Continuada de Professores. Av. Rua Augusto Corrêa, nº 1 - Belém - Pará - Brasil - 66075-110 - Guamá. E-mail: lunaka@ufpa.br

Recebido em: 10/09/2010 Avaliado em 22/09/2010

NARRATIVES TO TEACH-LEARN THE AMAZONIA: A CONTRIBUTION TO ENVIRONMENTAL EDUCATION IN VARIOUS EDUCATIONAL CONTEXTS

ABSTRACT: In the Amazonia, man's relationship with the forest, rivers, gardens, herbs and their uses, among other things, enables the construction of a natural cultural system - Amazonian culture -, which has in the rural environment, especially coastal, its most traditional expression. This article presents and discusses knowledge, sayings and doings from the Amazon people's particular culture and education: no class of students, no books and no teachers, when considered, can serve as a reference to the practices of innovative education, especially environmental education. From this perspective, culture and education of the regional people, almost always, relegated to an inferior condition, were examined on their knowledge and practice and as a means of establishing links between an education of the culture and of the environment. In this way, the institutions of college education in the region are pointed as important leaders in the construction of this process, especially for the opportunity they have to bring together various partners, resources and accumulated knowledge.

KEY WORDS: Education. Environmental education. Culture. Amazônia.

1 INTRODUÇÃO

A Amazônia Brasileira, também denominada Amazônia Legal, é considerada a região de maior biodiversidade do planeta e engloba nove estados brasileiros: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Roraima, Rondônia, Tocantins e uma parte do estado do Maranhão. Possui o maior manancial de água doce do planeta sendo o Rio Amazonas o seu maior representante. (FITTKAU; KLINGE, 1973; HERINGER, 2007)

Na região são reconhecidos nove tipos principais de vegetação (floresta de terra firme, floresta de várzea, floresta de igapó, manguezais, campos de várzea, campos de terra firme, campinas, vegetação serrana e vegetação de restinga), indicando uma considerável heterogeneidade ambiental. Dessas formações vegetais, a floresta de terra firme é a mais extensa, cobrindo aproximadamente 90% de toda a região, a qual se apresenta uniforme, mas possui variação em sua composição e uma grande variedade de organismos por unidade de área, dentre elas, espécies raras e endêmicas, mesmo com o considerável processo de desmatamento e degradação que vem sofrendo atualmente. (BRAGA, 1979; LIMA; POZZOBON, 2009)

Assim, o enorme potencial para o aproveitamento dos recursos naturais da Amazônia brasileira tem impulsionado a estruturação de cadeias produtivas e a expansão de instituições de pesquisas tecnológicas direcionadas a atividades de bioprospecção¹ na região. Sendo que, no processo de bioprospecção, também se

1 Chama-se bioprospecção o método ou forma de localizar, avaliar e explorar sistemática e legalmente a diversidade de vida existente em determinado local, tendo como objetivo principal a busca de recursos genéticos e bioquímicos para fins comerciais. (HERINGER, 2007)

vale da utilização dos conhecimentos tradicionais das culturas milenares dos povos. (HERINGER, 2007)

No que se refere às populações humanas, **os povos da Amazônia** são diversos - indígenas, caboclos, seringueiros, ribeirinhos, quilombolas, migrantes, gente das grandes cidades e das pequenas aldeias que habitam os mais diversos ambientes.

Na Amazônia, a relação do homem com as florestas, rios, roçados, ervas e seus usos entre outros, possibilitam a construção de um sistema cultural singular- a cultura amazônica, que tem “no ambiente rural, especialmente ribeirinho, sua expressão mais tradicional”. Assim, quando referimos à cultura amazônica, estamos tratando daquela que tem sua origem ou está influenciada pela cultura dos descendentes de índios e brancos, o caboclo, portanto, também denominada cultura cabocla. (LOUREIRO, 2001)

Na Amazônia Paraense a condição de ser caboclo(a) está associada à vivência fora dos centros urbanos, na qual se constrói um modo de vida diferente, em que se fazem presentes experiências construídas no ambiente rural amazônico, carregadas de sentidos e significados.

Esta cultura cabocla apresenta-se como um mosaico colorido de mitos, ritos, crenças, valores, saberes e representações que expressam o ser e o viver amazônico. Cultura aqui entendida não como simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de representações ativas expressas nos discursos e nas representações. (AGGER *apud* ESGOSTEGUY, 2003)

Partindo do pressuposto que a cultura fornece elementos que constituem a identidade do ser humano, bem como que situações vivenciadas no cotidiano, geram saberes, dizeres e fazeres construídos nas relações de vivência e oriundos da educação do povo: sem classe de alunos, sem livros e sem professor e que estes saberes, dizeres e fazeres quase sempre estão distanciados dos currículos das instituições formais de educação, há necessidade de incorporá-los nas práticas educativas diversas especialmente por compreendermos que vivemos numa sociedade em que a cultura dominante é referência às práticas escolares institucionalizadas. Estudos, como o proposto, podem contribuir para reflexão e incorporação de novas práticas educacionais, que valorem tais saberes construídos cotidianamente, em processos de educação.

Ressaltamos que a cultura cabocla e a educação do povo, quase sempre relegadas à condição de inferior, precisam ser conhecidas e compreendidas em seus saberes e sua práxis, pois, como bem afirma Brandão (1995), as culturas populares difundem não apenas conhecimentos, mas reforçam o existir.

Neste trabalho apresentamos narrativas de pessoas amazônidas, nas quais são evidenciados fragmentos da cultura cabocla, que circulam entre as populações da

Amazônia paraense e que precisam ser conhecidos e valorizados, pois expressam a maneira de ser e de viver no universo amazônico e, portanto, podem auxiliar na práxis da educação e em especial da educação ambiental na Região.

Trabalhamos com as narrativas por entendermos que seria a melhor forma de respeitar as falas e o contar das pessoas investigadas sobre seus “saberes de experiência feitos”, expressão usada por Freire (1992) para se referir às experiências do vivido, e ainda por percebermos que as narrativas oferecem a oportunidade para descrever e dizer da compreensão que tivemos ao nos aproximar da cultura cabocla, a partir da reconstrução das histórias vividas e narradas das pessoas selecionadas.

Clandinin e Connelly (1997, p.11) afirmam que a principal razão para que a pesquisa narrativa seja cada vez mais utilizada decorre do fato de “nós, seres humanos, sermos organismos contadores de histórias, organismos que, individual ou socialmente, vivemos vidas contadas”.

Segundo Dutra (2002, p. 373):

A narrativa contempla a experiência contada pelo narrador e ouvida pelo outro, o ouvinte. Este, por sua vez, ao contar aquilo que ouviu, transforma-se ele mesmo num narrador, por já ter amalgamado à sua experiência a história ouvida. [...]. A modalidade da narrativa mantém os valores e percepções presentes na experiência narrada, contidos na história do sujeito e transmitida naquele momento para o pesquisador. O narrador não ‘informa’ sobre a sua experiência, mas conta sobre ela, dando oportunidade para que o outro a escute e a transforme de acordo com a sua interpretação [...]

Nesse aspecto as narrativas possibilitam a circulação de saberes e valores que precisam ser compreendidos de forma a contribuir para repensar o papel da educação nos dias atuais.

2 SABERES, DIZERES E FAZERES DA VIVÊNCIA AMAZÔNICA IDENTIFICADOS NAS NARRATIVAS

Para a identificação das categorias de análise (saberes, dizeres e fazeres relacionados à cultura cabocla), as narrativas de duas pessoas amazônidas foram lidas e relidas à medida de sua necessidade, para o estabelecimento da análise.

A identificação de árvores foi um dos saberes da vivência, percebido na narrativa de uma das entrevistadas:

“A gente conhece é pela fruta mesmo. Açaí preto é preto. Mesmo que ele esteja verde, mas a gente conhece quando ele é branco. Ele ainda está verde, depois, que ele vai amadurecendo, que ele vai ficando preto”.

A preparação do vinho de açaí também é mencionada: “Põe ele de molho na água morna. Espera até a hora, deixa amolecer, tira aquela água e vai amassar a massa, vê a quantidade de água que quer no açaí e vai passar na peneira”.

E a forma como se retira os frutos de açaí da árvore também aparece na narrativa:

“É, sobe na árvore. Trança (movimenta o pé mostrando como o enrola na peconha). Eu não sei trepar sem peconha. Trança a peconha em volta, no meu pé. Olha lá em cima onde tem umas folhas maiores, umas que são maiores é só puxar o cacho”.

Outro aspecto observado na narrativa refere-se à importância dada à floresta para a sobrevivência das populações amazônicas: “A gente passou por muito sofrimento. Tem vez que quando é tempo da safra das coisas, a gente passava bem”.

Saberes pouco conhecidos por nós, moradores de centros urbanos, são, ainda, identificados nas falas como o murumuru, fruta que porco comia.

Era uma fruta. Uma fruta que tem. Que era assim (mostra com as mãos que era uma fruta grande). Mas tem espinho nas árvore. Cheia de espinhos. Tem espinhos. O murumuru velho é quase igual aquele pau ali. A folha dele é toda cheia de espinho. Deixava pra amadurecer a fruta e caía. E a gente ia juntar debaixo das árvores pra dá pro porco.

A obtenção do óleo de andiroba, também é referido, como efeito medicinal, mostrando a forma de obtenção dos frutos:

Andiroba não é casca. Andiroba é fruta. A gente ia pro rio, pegar ela no rio as fruta assim. Cai no mato e a água leva.. E vai tirando do rio. A gente, mamãe fazia os panerinho que a gente chamava assim. E ela ajeitava e nós ia pegar no rio. Andiroba e ucuíba. A andiroba a gente pegava, ajuntava no mato, pegava no rio e vendia.

O processo de uso da água de sororoca para amenizar efeitos da erisipela é também descrito:

Água da sororoca. Sororoca que é bom pra isipla. Aquele mato que eu ia lhe amostrando que é igual a folha de bananeira A água da chuva entra por dentro dela. A gente corta assim, se a gente não for ligeiro a água cai logo tudo por dentro dela. Aí depois a gente coloca num lugar, molha um pano e bota em cima.

Explicações sobre saberes práticos adquiridos na vivência comunitária a respeito do camaleão e seus ovos na alimentação humana, também aparecem nas narrativas ouvidas, pela outra amazônida:

Tira a primeira pele. Tira aquela, igual peixe. Raspa ali, corta, corta miudinho, põe pra comer. Os ovos dele que é muito gostoso, nossa! Pra li pra onde nós morávamos, tinha tempo que... acho que mês de agosto, que quando é tempo dela ovada. Nós nem matava ela (refere-se à fêmea). Só ia olhar onde ela tava desovando. Depois dela desovar, ela abre, cava um buraco. Deita quieta lá, aí ela põe os ovos lá, depois ela torna fechar e aí vai embora. Aí ficava olhando. Quando ela desovava, fechava lá os ovos. Depois de desovar ela já tinha ido embora, a gente ia buscar os ovos lá.

Sobre como adquirem os saberes diversos apresentados, uma das narrativas deixa muito claro que o processo de aprender sobre deveres e direitos de mulher casada e relação sexual, se dá por meio do diálogo: “depois de moça feita mamãe me contou, me chamou lá no quarto para me falar como era”.

Esse é o educar simples a que Brandão (2002, p. 140) se refere:

Educamos crianças e jovens porque eles nasceram. Porque vieram ao mundo sem saber quem são, quem somos nós que os antecedemos, e o que é ‘este mundo’ que compartilharemos juntos por algum tempo e que, um pouco adiante deixaremos para eles, adultos. Educamos os que nascem porque esta é a única maneira – escolar ou não – de criar pessoas e recriar mundos de interações entre pessoas.

Ao analisarmos as narrativas é possível perceber que os saberes, dizeres e fazeres do universo amazônico apreendidos pelas duas amazônidas são adquiridos nos processos de observação, comparação, manipulação, repetição, experimentação, pois é olhando, manipulando, colhendo que elas aprendem, mas, principalmente, pelo diálogo estabelecido na “cultura da conversa”. Essas aprendizagens acontecem nas relações com a família e a comunidade para saber, para fazer, para ser ou para conviver (BRANDÃO, 2002), fortalecendo a cultura cabocla.

Outro aspecto que merece destaque é o fato de se referirem a diversos processos de manipulação de elementos da biodiversidade amazônica que, atualmente, têm

despertado interesse em bioprospecção, pois têm servido para produção de bens econômicos, especialmente para as grandes indústrias, com pouco retorno para as comunidades detentoras desses conhecimentos.

Assim, é necessário considerar que na Amazônia estamos cercados e imersos em culturas que imprimem formas diversas de pensar, agir e sentir o humano e os demais entes. Nesse sentido, esses elementos culturais não têm um só significado, um só conceito ou uma só história, pois se fazem e refazem a partir da experiência concreta do homem em sua relação com o seu mundo. Desse modo, a cultura cabocla não se vincula a uma determinada condição étnica ou a um certo lugar.

O interessante é que mesmo os amazônidas não assumindo de forma clara a caboclice, por entendê-la primitiva e ou/inferior, é comum verificar que se orgulham da culinária regional, das danças folclóricas e do artesanato, mas quase sempre os entendem apenas como manifestações ou produtos e pouco como portadores de uma identidade, da qual o povo da região é possuidor. Assim, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que abrange grande parte da população, a cultura cabocla configura-se marginal, uma vez que é quase sempre rejeitada ou ignorada até mesmo pelos poderes instituídos e políticas públicas. (LOUREIRO, 2001)

Reconhecer as várias culturas amazônicas implica em conhecer e valorizar os saberes e práticas sociais diversas que as mesmas integram. E nesse processo de reconhecimento, a educação, especialmente a educação ambiental na Amazônia, precisa estar sempre aberta para novos desdobramentos resultantes do encontro entre o ser, seus ambientes de vida e sua cultura.

3 SABERES CULTURAIS AMAZÔNICOS: CONTRIBUIÇÃO PARA PENSAR/FAZER EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Consideramos representativa do universo caboclo, a identificação da presença de saberes culturais nas narrativas apresentadas, mesmo sendo de apenas duas pessoas, pois revelam identidades próprias da região. O que questionamos é que, tradicionalmente, a prática educativa está desvinculada dessa realidade e, portanto, pouco se utilizam das experiências de vida e dos elementos da cultura, para qualificar a ação pedagógica, quer seja em espaços escolares ou não escolares.

Entendendo que a educação deve “olhar” o homem de forma holística e, portanto, inserido em sua realidade, acreditamos que o ato educativo não pode perder de vista as diversas culturas que fazem homens e mulheres seres de existência, sob pena de se distanciá-los da realidade concreta e objetiva. (PINTO, 1982)

Autores como Freire (1986, 1992) e Brandão (1995, 2002) têm chamado atenção para que os conteúdos culturais sejam vistos como marco integrador de uma práxis educativa transformadora. Nesse aspecto, o ato educativo se faz no interior da cultura

em situações sociais de aprender-ensinar-aprender, ou seja, “uma fração do modo de vida dos grupos sociais” está sempre presente nos processos educativos, sendo constantemente criada e recriada no saber, no ser ou no conviver. (BRANDÃO, 1995)

Ao compreendermos que a educação é parte da ação humana de tornar inteligível a sua existência dotando-a de sentido, não considerar as condições históricas e culturais dos sujeitos envolvidos nos processos educativos parece contraditório.

Assim, a educação e, especialmente, a educação ambiental devem incorporar as vivências dos educandos, pois expressam saberes e experiências diversos e, portanto, deveriam ser considerados como conteúdos legítimos da prática educativa em qualquer contexto.

No entanto, esses saberes, dizeres e fazeres quando tomados como referência do pensar/fazer educação e educação ambiental devem ser vistos de forma crítica e numa perspectiva interdimensional, que circunscreva o encontro dos humanos entre si e de suas culturas, destes com seus ambientes de vida e com os conhecimentos técnico-científicos, dando oportunidade de re(aprender) a ler o mundo.

A Amazônia, especialmente a paraense, carece de tais práticas educacionais. Inferimos que essa ausência esteja relacionada a uma concepção preconceituosa da cultura cabocla, ou seu desconhecimento. Se considerarmos como Geertz (1989, p.15) as cultura como “teias de significados” tecidas pelo homem e que os mesmos tecem e se enredam em suas teias, criando um conjunto de significados que dão sentido à vida, não podemos deixar de aproveitá-las nos processos de ensinar-aprender.

No que se refere às práticas educativas de educação ambiental, especialmente nos contextos amazônicos, são comuns estudos relacionados: à biodiversidade em suas mais diversas matizes, às questões relacionadas ao lixo, ao saneamento, às doenças tropicais, ao reaproveitamento de materiais, dentre outros, entretanto, pouco se tem buscado compreender a relação que se estabelece entre os saberes culturais na ação pedagógica, relacionada às questões ambientais quer seja em contextos escolares e não escolares.

Assim, ao ouvir as narrativas de pessoas da região, percebemos o quanto precisamos avançar nesses estudos, de modo que possamos nos aproximar do “fazimento²” de uma educação e uma educação ambiental que considere a cultura cabocla no seu devir.

A possibilidade de inventariar a cultura cabocla amazônica, no que diz aos saberes, dizeres e fazeres que a constitui e de refletir sobre as formas próprias de *educação do povo*, suas redes e estruturas pedagógicas, sobre as quais desconhecemos quase tudo (BRANDÃO, 1995) são contribuições que atribuímos a esse estudo.

² Fazimento: expressão utilizada em algumas comunidades paraenses para indicar o fazer em movimento.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PERTINENTES

A presença de saberes culturais nas narrativas apresentadas, mesmo de apenas duas pessoas, não nos causou surpresa, pois como portadoras de saberes construídos por meio da “educação do povo” representaram muito bem esse universo caboclo paraense, que ainda permanece vivo.

Atualmente a terra, a mata e o rio ainda são compreendidos como espaços importantes para o viver de homens e mulheres ribeirinhos, pois se constituem em espaços de trabalho, de moradia e de convivência social. O rio e a mata são ainda ambientes de encantamentos, lendas, mitos e imaginários culturais e simbólicos. Entrelaçam múltiplos saberes, fazeres e dizeres caracterizando a diversidade e a multiculturalidade Amazônica.

Os sentidos do cotidiano revelam-se sensíveis ao hibridismo cultural: no acolhimento da diferença sem hierarquia; na representação do sujeito que habita as comunidades rural-ribeirinhas.

A lógica dos saberes, dizeres e fazeres presentes nas narrativas apresentadas nos fez refletir sobre os processos educativos a eles interpostos e a necessidade da formulação de propostas educativas, cujo centro do debate seja a diversidade cultural e a possibilidade de trabalhar a educação como cultura, pois segundo Brandão (2002, p. 24):

Viver uma cultura é conviver com e dentro de um tecido de que somos e criamos, ao mesmo tempo, os fios, o pano, as cores, o desenho do bordado e o tecelão. Viver uma cultura é estabelecer em mim e com os meus outros a possibilidade do presente. A cultura configura o mapa da própria possibilidade da vida social. Ela não é a economia e nem o poder em si mesmos, mas o cenário multifacetado e polissêmico em que uma coisa e a outra são possíveis.

Nesse aspecto, a educação e a educação ambiental, especialmente na Amazônia, precisam construir referenciais teórico-metodológicos que auxiliem a compreensão desse universo em suas múltiplas relações, como uma totalidade social, econômica, política e ambiental. Nesse sentido, compreendemos que para avançar na discussão de tais referências há necessidade do estabelecimento de uma agenda de pesquisas, cujos estudos auxiliem a compreender saberes e práticas diversas que possibilitem a sustentabilidade das diversas formas de vida e culturas, bem como suas formações/transformações no tempo histórico, dentre outras questões.

Na Amazônia, essas discussões se tornam urgentes em decorrência dos processos migratórios que têm influenciado as práticas culturais tradicionais existentes. Este parece ser um caminho interessante a ser seguido como possibilidade de subsidiar processos educativos, em diversos ambientes educacionais.

Assim, se pretendemos construir referenciais educacionais que valorizem os saberes locais, se faz necessário, antes de tudo, retomar a apreciação pela vida compreendida nas suas mais diferentes formas. Isso significa que a educação e a educação ambiental precisam ser “olhadas” como possibilidades de sustentar as diversas culturas que fazem homens e mulheres amazônidas sujeitos de fato. Nesta perspectiva, vislumbramos como estratégias de ação:

a) Investimento na formação de professores: é urgente investir na formação de profissionais da educação para que reconheçam e valorizem os saberes e práticas sociais diversas, oriundas da vivência no espaço amazônico, de forma a os incorporar nas suas atividades didático-pedagógicas;

b) Ampliação de pesquisa sobre saberes culturais e educação: promover a realização de estudos que possibilitem a identificação de saberes e práticas inerentes às vivências amazônicas e que configurem as identidades dos diversos sujeitos sociais da região, se tornam indispensáveis para pensar e para fazer uma educação que articule cultura e ambiente;

c) Revisão de conteúdos curriculares: incorporar nas propostas curriculares oficiais conhecimentos da vivência do homem amazônico, como forma de difundir a cultura cabocla;

d) Produção de materiais didáticos abordando estudos culturais: produzir materiais didáticos que retratem a cultura regional, nos mais diversos aspectos e direcionados para todos os níveis de ensino;

e) Implementar políticas públicas: estabelecer políticas de fomento à produção de conhecimento no campo da educação, cultura, desenvolvimento entre outros, que inclua o pensar/viver caboclo.

Temos clareza que tais propostas por si mesmas não garantem que a educação e, especialmente, a educação ambiental na Amazônia alterem seus processos pedagógicos a curto prazo. Nossa expectativa é contribuir para o debate sobre a necessidade de se pensar coletivamente a construção de uma proposta educacional, na qual os amazônidas se percebam inseridos.

Neste caminho, apontamos as instituições de ensino superior como importantes lideranças na construção desse processo, especialmente pela oportunidade que têm de congregiar parceiros diversos, recursos (financeiros e humanos) e conhecimentos já acumulados, necessários a esse processo de construção.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Suely Nazareth de Souza Silva Teixeira pelo uso das narrativas apresentadas nesse trabalho.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, P. I. S. Sub-divisões fitogeográficas, tipos de vegetação, conservação e inventário florístico da floresta amazônica. *Acta Amazonica*, Manaus, v. 9, n. 4, p. 53-80, 1979, Suplemento.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco: John Wiley & Sons, 1997.
- DUTRA, E. A narrativa como técnica de pesquisa fenomenológica. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic.html>>. Acesso em: 3 set. 2010.
- ESGOSTEGUY, A. C. Os estudos culturais e a constituição de sua identidade. In: GUARESCHI, M. F.; BRUSCHI, M. E. **Psicologia nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FITTKAU, E. J.; KLINGE, H. On biomass and trophic structure of the central amazonian rain forest ecosystem. *Biotropica*, Holstein, v. 5, n. 1, p. 2-14, 1973.
- FREIRE, P. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- _____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HERINGER, A. Os conhecimentos tradicionais associados e o acesso aos recursos genéticos: um estudo sobre a regulamentação da medida provisória n° 2.186-16/01. *Revista Amazônia Legal de estudos sócio-jurídico-ambientais*, Cuiabá, n. 2, p. 131-148, 2007.
- LIMA, D.; POZZOBON, J. Amazônia socioambiental: sustentabilidade ecológica e diversidade social. In: SILVA, J. M. C. et al. **Diversidade biológica e cultural da Amazônia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2009.
- LOUREIRO, J. de J. P. **João de Jesus Paes Loureiro: obras reunidas, poesia I**. São Paulo: Escrituras, 2001.
- PINTO, Á. V. **Sete lições sobre a educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 1982.

